

## LEITURA DINÂMICA

Duas mudanças de grande envergadura começam a ser operadas a partir de hoje pela equipe econômica. Da reunião de avaliação de Zélia com assessores deve sair a decisão de mexer nas taxas de juros, para dar um alívio à forte tendência recessiva. Ao mesmo tempo, o governo en-

xugará as estatais, segurando salários e gastos. Na página 8, os planos da Fiesp para modernizar sua estrutura e reduzir a sua máquina — um programa desenvolvido sob sigilo, a partir de um documento elaborado pela empresa de consultoria Arthur Andersen. Na 9, as agências e

operadoras de turismo acusam nas férias de verão os efeitos do plano Collor, com redução de 25% nas viagens domésticas e 35% nas internacionais. Na 10, o novo programa Commander EIS, da Andersen Software, para simplificar o manejo dos computadores pelos executivos.

# Economia - Brasil

# Juros menores. Essa medida pode vir hoje.

Apesar de classificada como rotineira pela ministra Zélia Cardoso de Mello, a reunião de avaliação que ela fará hoje em Brasília com seus principais assessores, deverá resultar em pelo menos uma grande mudança nos rumos da economia: a diminuição da taxa de juros. Esse tema será obrigatório, como admite o secretário nacional da Economia, Edgar Pereira. O presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, parece ter ficado isolado na defesa das elevadas taxas de juros e enfrenta hoje a resistência de boa parte dos demais membros da equipe sobre esse assunto. "Ele é muito teimoso, mas na prática estamos convivendo com altas taxas de juros e uma inflação igualmente elevada que precisa ser mudada", comenta um membro da equipe econômica.

Para os que defendem a taxa de juros elevadas, um dos objetivos é a necessidade de evitar os aumentos de estoques por parte das empresas e, consequentemente, a manipulação dos preços. Mas, lembra o secretário Edgar Pereira, muitos setores já estão trabalhando com estoques bastante baixos, não justificando, pelo menos em parte, juros tão elevados que acabam pesando nos custos das empresas e na própria formação de preços, o que contribui para o aumento das taxas de inflação. Os assessores que querem a diminuição das taxas também visam com isso atenuar a recessão, permitindo a ampliação do consumo e retomada dos investimentos.

Arquivo/AE



Zélia faz hoje reunião de avaliação. E Kandir controlará os salários nas estatais.

Com a inflação próxima a 20% — um índice que os economistas consideram perigoso e desencadeador de pacotes —, a expectativa de mudanças acaba por alimentar em toda a sociedade especulações sobre o comportamento de preços. Segundo um assessor da equipe, torna-se mais difícil "empurrar com a barriga a situação por mais tempo, esperando a queda da inflação sempre para o mês seguin-

te". É diante desse desgaste — que pode acirrar o isolamento político do governo — que surge a divisão na equipe.

Assessores de Zélia, como o secretário de Política Econômica, Antonio Kandir; o secretário da Fazenda, Geraldo Gardinelli, e o presidente da Petrobrás, Eduardo Teixeira, defendem um tipo de controle de preços, uma nova política salarial mais favorável e a diminuição



da taxa de juros. Outros, porém, como o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, e o secretário executivo do Ministério, João Maia, são contrários às alterações. Acreditam nos resultados que virão posteriormente com a manutenção da atual política econômica.

Entre as medidas para se atenuar a recessão até que se consiga resultados expressivos no combate à inflação, na visão de

alguns assessores, está ainda o abandono da meta prioritária de conseguir um superávit nas contas públicas, a qualquer preço. Afrouxando as contas públicas, o governo gastaria mais e favoreceria parcialmente a retomada da atividade econômica. Esta alteração, no entanto, tem poucas chances principalmente no momento que o presidente Collor exige cortes de gastos nas estatais (veja matéria abaixo).